

Stadium

N.º 175 — 10 de Abril de 1946 — Esc. 2\$00

O GRUPO DE HONRA da A. Académica de Coimbra



No primeiro plano, da esquerda para a direita — Dr. Eduardo Lemos, Azeredo, Garção, Nini e Bentes.
No segundo plano — Vasco, Mario Reis, Albino, Lomba, Faustino e Antonio Maria.



Stand

N.º 175 — 10 de Abril de 1945 — 2.ª Ed. — 4800

O GRUPO DE HONRA

da A. Académica de Coimbra

FLECHA

A Bicicleta da Actualidade

STAND FLECHA

Largo do Intendente — LISBOA

A Mocidade Portuguesa está comemorando o seu 10.º aniversário. Dez anos de actividade ao fim dos quais o patriótico organismo conseguiu o seu objectivo principal: o desenvolvimento físico da juventude portuguesa. Os rapazes da Mocidade ficaram unidos por fortes laços de camaradagem; a prática dos desportos e da vida ao ar livre tornou-se extensiva a toda a juventude. Aos milhares, os rapazes da Mocidade, têm animado as mais belas jornadas de desporto. Às vezes, apreciando a beleza do sol, recebendo com alegria o ar puro dos campos, os rapazes de Portugal, a coberto da bandeira da organização, passaram a interessar-se por todas as modalidades desportivas, tecnicamente bem orientados.

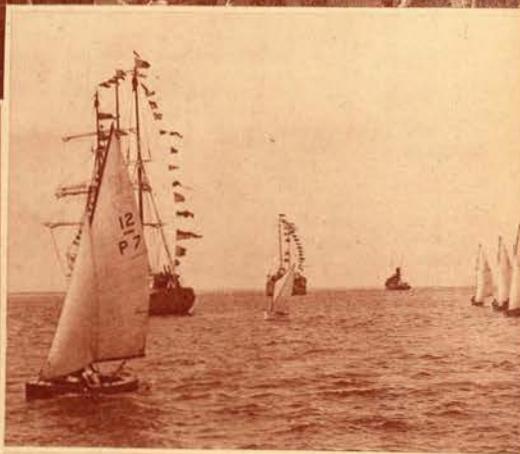
As comemorações que a Ala de Lisboa promove assinalam exuberantemente o valor desta formação, autêntica escola de homens de boa capacidade física.

É uma vitória do desporto, recolhido para completar eficazmente a formação do carácter destes novos de Portugal.

Nos campos de desporto, em jogos onde a alegria da juventude irradia e se torna impressionante, bela, ou no mar, timonando com destreza os elegantes barcos à vela ou impondo os seus músculos no impulso vitorioso dos barcos de remos, os rapazes da Mocidade, de Norte a Sul do país, são uma força que nos impressiona entre a destreza de uma competição e uma canção vitoriosa, entoadas a plenos pulmões. A alegria de viver, em que o desporto tem tido comparticipação brilhante.

No ambiente significativo do Palácio da Independência, o sr. major Gomes Marques, director dos Serviços de Instrução Geral da Ala de Lisboa, recebe-nos para nos dizer duas palavras a propósito.

— A Mocidade Portuguesa caminha com franca alegria no objectivo idealista que a tem guiado, numa demonstração clara das qualidades e das directrizes que a organização utiliza na formação moral, física e intelectual dos seus filiados.



— Ao fim de 10 anos de actividade como pode ser apreciada a obra da Mocidade?

— Todos os objectivos estão conquistados. A Mocidade está hoje senhora dos metodos que mais lhe convem usar para a realização integral desses objectivos.

Passados os ultimos dos primeiros momentos, de há 10 anos a esta parte a obra consolidou-se por forma a estabelecer uma actividade regular, dia a dia mais perfeita e que satisfazendo os naturais anseios da juventude começa a ser melhor conhecida e tambem melhor apreciada.

Milhares de rapazes têm vindo para o desporto por intermédio da M. P. As demonstrações levadas a efeito no Estádio Nacional e no Tejo abrangem na sua maioria filiados voluntários da organização. E não são todos quantos desejariam estar presentes, porque a todos não foi possível fazer participar.

A Mocidade caminha, orgulhosa. O desenvolvimento da sua capacidade física continua. Portugal olha-a confiadamente. O desporto dá-lhe o seu precioso auxilio. E, mesmo sem legendas, nesta página gráfica — vê-se que é assim...

A corrida para o "título"

continua a cargo do Benfica e Belenenses

O Olhanense deu a nota destacada numa exibição que honra o futebol da Província

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA



As consequências da jornada com o número 16 esclarecem um pouco mais a situação do Campeonato Nacional da Primeira Divisão. É certo que, mesmo assim, ainda falta meia dúzia de domingos, e que o horizonte poderá anuviar-se com nuvens negras. Tão depressa faz bom tempo como o ar escurece.

Se as coisas levarem o mesmo rumo, mesmo com cambiantes que não sejam profundos, apresentam-se como mais sérios candidatos o Benfica e o Belenenses, separados por um ponto de diferença. Quando um escorregar, o outro ficará contente. Na luta de competição, as desgraças alheias fazem sorrir... E isto nem sequer é maldade.

Vem a seguir o Sporting, que se deixou atrasar demasiadamente, com os seus 23 pontos e quatro de diferença a separá-lo do Benfica. O clube ainda não está morto, afinal para o título. Apenas moribundo. Com o labor das combinações, e também das complicações estranhas, seria certamente possível colocá-lo na primeira posição. Arredemos, porém, as fantasias!

O Olhanense mantém-se galhardamente no quarto posto, mas a sua última derrota afastou-o definitivamente do lugar de campeão. Já não tem forças, nem possibilidades, de escalada. Mas desempenhou um bom papel. Agitou o futebol. Animou-se e animou o meio. A forma como morreu no Campo Grande depõe a seu favor.

Há depois um lote de cinco clubes, distanciados uns dos outros, cada um com posição isolada, mas todos formando a zona da tranquilidade. É aquele espaço que poderá designar-se por *nem peixe nem carne*.

Temos, na linha de classificação, o problema do penúltimo posto. A discussão à volta do lugar não deverá ser coisa agradável, tanto mais havendo clubes na Segunda Divisão que estão a destacar-se. De momento, o Boavista está ameaçado, mas a Académica também conserva suspenso sobre a sua cabeça o cutelo da descida. Por fim — o Oliveirense. Apesar de tudo, é indiscutível que o campeão de Aveiro progride, podendo apresentar o mais importante dos *handicaps*, o caso do campo. Todavia, a sua intervenção da *Primeira Divisão* não foi desonrosa.

Bem pelo contrário. Espírito de combate, ardor e ansia de se impor foram visíveis. Mas as coisas são como são.

A classificação geral encontra-se estabelecida do seguinte modo:

Benfica 27 pontos (57-21 em bolas); Belenenses 26 (57-19); Sporting 23 (54-22); Olhanense 21 (52-24); Atlético 18 (26-40); Porto 16 (49-33); Vitória Setúbal 14 (33-46); Elvas 13 (33-54); Vitória Guimarães 12 (33-42); Académica 9 (30-60); Boavista 8 (30-53); e Oliveirense 5 pontos (15-55 em bolas).

Nesta jornada distinguiram-se como marcadores Araújo com 5 bolas, Peyroteo 3, Correia Dias, Albano, Pacheco Nobre, José Lopes e José Pedro, com duas.

À frente dos marcadores continua o grande Peyroteo, já com média difícil de ultrapassar, um total de 29 bolas, seguido de Rogério e Correia Dias, com 17, e logo de Cabrita, Salvador e Andrade, com 14 bolas.

Apuraram-se os seguintes resultados:

Benfco	2	—	Olhanense ..	1
Atlético	3	—	Elvas	1
Vitório (Guim) ..	2	—	Belenenses ..	4
Vitória (Set.) ..	0	—	Sporting	7
Porto	8	—	Académica ..	1
Oliveirense ..	2	—	Boavista	1

Apreciada em conjunto, devemos afirmar, em consciência, que a 16.ª jornada não deslustrou o campeonato. A lei da forma está a actuar, permitindo a subida de uns grupos e a descida de outros. Viu-se, no entanto, bom futebol em alguns campos. O suficiente para estarmos satisfeitos e contentarmos-nos. Se não houvesse o desejo de fazer mais e melhor — a luz que guia todos os concorrentes.



desafio do Campo Grande foi bem mais curioso do que aquilo que supúnhamos. Um conjunto de circunstâncias, a gripe de Rogério (que tantas dores de cabeça nos deu) e a distensão de Espírito Santo, igualaram os grupos. No entanto, pelo amor à verdade, que entranhadamente cultivamos, devemos afirmar que o Benfica nos deu em toda a partida a sensação de categoria diferente, ou mais categoria, à do seu adversário.

Certamente, o Olhanense jogou bem — sem o fulgor de outras exhibições já realizadas na presente competição. O grupo perdeu um pouco da sua boa ligação, o que não significa que não apresente ainda um plano de jogo, qualquer coisa como um sistema.

Nesta exibição do Campo Grande, a organização do futebol esteve a cargo dos interiores, e também do médio-centro. Aqueles baixaram a bola, conceberam e realizaram os ataques, e variaram de passagem — fazendo aquilo que se conhece pela designação de cruzamentos. O interior do lado esquerdo tornou-se, mesmo, particularmente notado pelas suas modelares passagens com o chamado pé contrário. O do lado direito, numa execução perfeita, representa o contraste dos companheiros e de aí — quem sabe? — a sua utilidade.

O médio-centro, melhor no ataque que na defesa, jogou com singular energia, ocorrendo a todos os sítios e tapando todos os buracos. Eis um homem com as características de um médio-centro, batalhador infatigável e suficientemente técnico.

Alem de tudo, o Olhanense jogou com alegria e vibração, em plano de igualdade — submetendo o adversário a um esforço intenso. Sem dúvida, a emoção e a ansiedade no lado benfiquense foram muito maiores do que na outra metade do campo. Honra lhe seja.

O Benfica é um *team especial*. Tantas vezes temos dito. Um grupo que tem sempre o homem preciso no devido momento. Chame-se ele Francisco Ferreira, ou Moreira, ou Espírito Santo, ou Rogério, ou mesmo Arsénio ou Cerqueira, não há dúvida é que a unidade aparece quando se sente a sua falta. Então, o jogador agiganta-se e a sua fé levanta e arrasta o moral de todos.

De um modo geral — o Benfica não jogou bem. A linha avançada esteve longe da medida de que é capaz, e longe do brilho das últimas desmarcações. Na defesa notou-se a incerteza do esquerdo, e mesmo o guarda-redes acusou um nervoso, ou indisposição de momento, que não lhe é próprio. Forte, forte — a linha medular. Dos pés dos três rapazes, grandes como os arranha-céus, saíram os mais belos e puros lances, a lubrificação necessária para o conjunto carburar e não se ir abaixo. Por cima de tudo isto, devemos lembrar-nos que o Benfica é o clube

das genialidades. Num repente, muda a face das coisas — tornando possível aquilo que parece impossível. Em dois minutos nasceu a vitória, consolidada depois por intraduzível energia.

O Benfica alinhou: Martins, Cerqueira, Artur Teixeira, Jacinto, Moreira Francisco Ferreira, Mário Rui, Arsénio, Espírito Santo, Júlio e Rogério.

Olhanense: Abraão, Rodrigues, Nunes, João dos Santos, Grazina, Loulé, Joaquim Paulo, João da Palma, Cabrita, Salvador e Moreira.

Árbitro: Vieira da Costa, do Porto.



AMOS agora fazer uma breve referência aos outros encontros, necessariamente mais curta por exigência de espaço. Não se pode meter o Ros-

sio na rua da Betesga. Atlético: Correia, Baptista, Castro, Rosário, José Lopes, Francisco Lopes, Micael, Oscar, Gregório, Armindo e Simões.

Elvas: Semedo, Marcelino, Mariano, Fernandes, Alcobia, Rebelo, Morais, Massano, Patalino, Quim e Vega.

Árbitro: Evaristo Santos, de Setúbal.

O Atlético mereceu a vitória, tendo sido indiscutivelmente superior. Mas não dominou, no que se diz dominar em cheio — no aspecto técnico e territorialmente. A sua linha avançada, em má tarde de remate, não conseguiu acertar no caminho das redes. Foi José Lopes que marcou as duas bolas, e aquele que conseguiu dar à partida o cunho da superioridade lisboeta.

O Elvas portou-se bem — sentindo o destreino da relva. Uma primeira parte inferior, ainda que com luta. E logo um segundo tempo de boas fases, pondo em perigo as redes do adversário.

O Belenenses partiu para Guimarães convencido de que iria travar uma luta difícil, e tal deu-lhe a energia suficiente para dominar os acontecimentos. Alinhou com Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Quaresma, Andrade, José Pedro e Rafael.

Vitória de Guimarães: Machado, Curado, João, Luciano, Garcia, Dias, Miguel, Brioso, Alexandre, Alcino e Arlindo.

Árbitro: Fonseca Gonçalves, do Porto.

Deve afirmar-se que a luta não comportou aspectos de facilidade. O primeiro tempo acabou 2-1, mas, no começo da segunda parte, o Belenenses consolidou o triunfo. Daí por diante, os lisboetas limitaram-se a acautelar a defesa — desenvolvendo com facilidade o seu sistema de futebol. Neste período, uma vez por outra, viu-se o Belenenses a jogar.

Dos restantes desafios poderá fazer-se uma síntese, anotando que o Sporting deu bom rendimento. Comportou-se, mesmo, modelarmente, no ponto de vista de conjunto. A defesa do Vitória não conseguiu lutar de igual para igual com o ataque do adversário. Foi dominada e vencida.

Vitória de Setúbal: Acácio, Soeiro, Pereira, Pacheco, Pina, Figueiredo, Campos, Mário Viegas,

À semelhança do que costumamos fazer, a nossa Revista publicará o seu próximo número dedicado ao Portugal-França, de futebol, que se disputa no domingo, 14 de Abril, no Estádio Nacional.

Temos antecipadamente a certeza de que apresentaremos um número de grande repercussão, com notas muito curiosas sobre os jogadores e uma reportagem completa e inédita do grande encontro, no ponto de vista literário e quanto a fotografias.

Tavares da Silva fará a crónica do encontro, devendo este número, a que não será ousado dar o nome de especial, conter entrevistas, apontamentos e estatísticas interessantes.

A nossa equipa de fotógrafos, constituída por Horácio Novais, Amadeu Ferrari e Claudino Madeira e outros, dar-nos-á as mais belas imagens do jogo.

Por consequência, pedimos aos nossos Agentes o favor de nos indicarem até ao dia 15, sábado, o número de exemplares que necessitam — a fim de podermos atender todos os pedidos.

Rodrigues, Cardoso Pereira e Passos.

Sporting: Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Veríssimo, Barrosa, Nogueira, Jesus Correia, Pacheco Nobre, Peyroteo, António Marques e Albano.

Árbitro: Augusto Pacheco, de Aveiro.

O Porto não teve dificuldades em vencer a Académica. O animoso grupo de Coimbra teve a desfortuna de encontrar um adversário em tarde particularmente brilhante. Os académicos lutaram sempre — e com que ardor. Mas o bloco portuense estava consolidado, e sem brechas. As linhas:

Porto: Barrigana, Alfredo, Camilo, Anjos, Romão, Octaviano, Lourenço, Araújo, Correia Dias, Freitas e Joaquim.

Académica: Vasco, Albino, Mário Reis, Lomba, Brás, António Maria, Angelo, Azeredo, Garção, Leite e Bastos.

Árbitro: João dos Santos Júnior, de Lisboa.

A partida de Oliveira de Azevedo deu-nos as duas já tradicionais fases: primeiro tempo, com domínio dos *boanistas*. Segunda parte mais equilibrada, e em que os oliveirenses afirmaram possibilidades. O *team* está a jogar razoavelmente. Os portuenses não tiveram sorte, e não se pode ter sorte — quando não se explora a oportunidade em frente das balizas.

Oliveirense: Teixeira, Henrique, Joaquim, Oliveira, Adelinho, Eurico, Anibal, João Tavares, M. Santos, José Tavares e Armando.

Boanista: Mota, Vinagre, Silva, Raimundo, Serafim, Chaves, Zeca, Armando, Sousa, Caiado e Barros.

Árbitro: C. Canuto, de Lisboa.

Segunda Divisão

HA agora 4 candidatas ao título de campeão nacional da 2.ª Divisão. Estamos próximo da fase final, e a ela chegaram 4 equipas: F. C. Famalicão, Grupo Desportivo Estoril Praia, União de Coimbra e Portimonense.

Não se poderá exigir melhor para valorização do torneio. A qualquer dos grupos classificados pode atribuir-se categoria e disposição para ganhar o título, e sabe-se que este ano há muitas vantagens nisso...

Na última jornada, os resultados foram escassos, e nem outra coisa era de esperar. A selecção já começa. A vitória do F. C. Famalicão, pela tangente, sobre

o Salgueiros, (3-2), após um prolongamento de 30 minutos, denuncia aplicação de lado a lado, apego ao resultado e desejo firme de continuar na prova.

Os rapazes do União de Coimbra, que por um triz não ganharam o campeonato do seu distrito, conseguiram eliminar o Torreense, por 2-0. Teremos dois grupos do Norte em luta: União e Famalicão. Como iremos ver dois do Sul...

As coisas podem ser difíceis para os considerados grupos em «que se pensa». O Estoril Praia não ganhou com muita facilidade ao Onze Unidos de Montijo (3-1) e o Portimonense de Lippo Herzka obteve uma excelente vitória de 4-1 contra o S. C. Elvense. Logo — Estoril e Portimão...

A próxima jornada será valiosíssima, e como por certo a qualquer dos grupos importa colocar-se bem, — ganhará o público amigo de bons jogos de futebol.

O Norte e o Centro, Lisboa e o Algarve estão representados com um grupo cada. As Associações de Braga, Coimbra, Lisboa e Faro, pelo que se vê, podem aspirar a novas representações no campeonato nacional dos grandes. E os dois últimos desta competição não podem estar muito descansados, lá isso não...

Os Júniores

da A. F. L.

O 10.º campeonato de juniores da A. F. L. teve, no último domingo, a segunda jornada da sua última fase. A circunstância da «poule» final ser disputada numa só volta, agravando os inconvenientes da derrota, pois não há facilidade de recuperar atrainos, empresta à competição um interesse excepcional.

Repare-se, como factor que contribui para o interesse que se verifica, o estarem à frente da classificação duas equipas que não eram das que mereciam o mais amplo favoritismo. Depois os resultados das pugnas — a denunciarem um equilíbrio de valores que pode servir de especial atractivo da prova.

Depois dos encontros de domingo, a classificação ficou assim:

1.º Sporting e Cascais, 4 pontos; 3.º Estoril e Belenenses, 3 pontos; 5.º Benfica, 2 pontos; 6.º Cnf. Cascais e Chelas, 0 pontos. A luta para a conquista do título virá a circunscrever-se, certamente, aos cinco primeiros classificados.

O desafio Belenenses-Benfica atraiu ao campo do Chelas farta concorrência. Advinha-se que será esse o encontro mais interessante da jornada e a expectativa não foi, de todo, iludida. E dizemos «de todo», porque os «encarnados» não forneceram o melhor rendimento de que são capazes. O balanço do encontro foi favorável aos «azuis», mais entusiásticos do que os adversários, embora mais fracos tecnicamente.

O Sporting excedeu as melhores previsões quanto à maneira de vencer a sua superioridade sobre o G. D. da C. U. F., ainda que tenha tido a desfez o empate imposto pelo adversário, antes do intervalo.

Cascais e Estoril, defrontando, respectivamente, o Chelas e o Cascais, venceram de modo convincente adversários dispostos a dar boa réplica.

D. D.

HIPISMO

COM a sua vitória de domingo, o tenente Barros e Cunha, com o cavalo irlandês «Drawragoo», colocou-se à frente da classificação para a taça «S. H. P. -1946», que este ano se disputa em moldes diferentes dos anteriores. Se é certo que «Vingalvo» e «Marra-cuene» o perseguem de perto, não é menos verdadeiro que o conjunto está a impor-se e a melhorar de domingo para domingo. Vejamos se nas três «poules» que faltam conseguirá manter-se como favorito, o que, sendo difícil, nos não parece impossível, dada a regularidade com que se estão apresentando cavalo e cavaleiro.

Quanto à taça «Afonso Botelho», de cuja disputa terminou no domingo o 1.ª série de jornadas, verificamos que a luta se apresenta equilibrada, sendo difícil arriscar qualquer prognóstico. No entanto, é justíssimo assinalar o comportamento de «Quer Hoje» com Milho Ferro, que está à frente da classificação com 39 pontos, seguido de «Bélver», com o qual António Spínola venceu no domingo, alcançando um dos dois únicos percursos sem falhas. Se atendermos ao valor de algumas montadas inscritas — não esqueçamos que estão disputando o troféu cavaleiros como «Zuaria», «Congo», «Namir», «Squalus», «Evelyn», «Hoppeful Don» e «Oplis» — não nos parece que seja difícil qualquer reviravolta nas três «poules» que se seguem.

Maria Teresa Ivens Ferraz continua a dar a nota elegante da sua presença, revelando umas qualidades dignas sempre de registo, tanto mais que o seu «Tobruk» obedece-lhe dócilmente e deixa-a brilhar a grande altura.

Devido à realização do Portugal-França, as próximas «poules» devem realizar-se no sábado de tarde ou no domingo de manhã.

Antas Teixeira

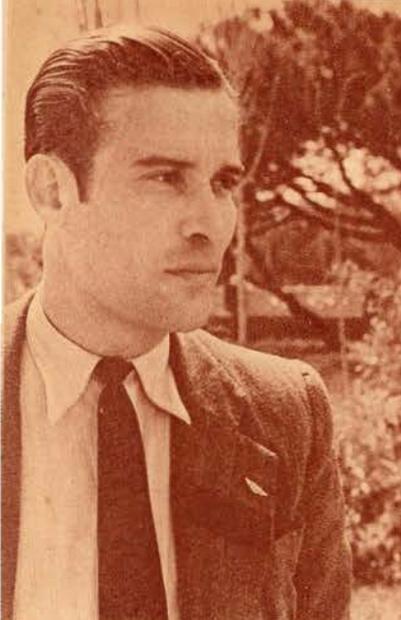
derrotou em Lisboa o Sport Conimbricense, por 50-30. A equipa encarnada começou velozmente e quando os visitantes reagiram, já a sua vantagem era grande.

Resumindo, dir-se-á que este campeonato nacional corresponde por certo aos desejos da Federação. A modalidade tem público, e é apenas de lamentar que a não pratiquem vários centros. Lisboa, Porto e Coimbra mantêm o fogo sagrado, Aveiro também possui bons grupos — mas pelo Algarve e no Minho, por exemplo, pouco se faz no sentido de a desenvolver tecnicamente.

Isto tem de sentir-se. O basquete, tão útil e necessário ao desenvolvimento físico dos praticantes — precisa de propaganda.

Ano IV — 11 Série — N.º 175
Lisboa, 10 de Abril de 1946

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe de Redacção: TAVARES DA SILVA
Proprietária: A SOCIEDADE DE REVISTAS DESPORTIVAS, LDA.
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua: Rua do Alentejo, 11, 3.º — Tel. 3441 — LISBOA
Estreito gráfico de REGRASVAGRA; LITOGRAFIA — LISBOA



O Sport Lisboa e ELVAS o seu triunfo e as aspirações de PATALINO



Os elvenses na última visita ao campo da Tapadinha

O Sport Lisboa e Elvas — filial n.º 6 do popular Benfica — é um caso interessante deste campeonato nacional dos 12 clubes. Além da sua presença no grande torneio ter contribuído para uma excelente propagação do futebol no Alentejo, o campeonato — apesar do S. L. Elvas ser dos pequenos — recebeu um elemento que muito longe de o desprestigiar tem alimentado com bom entusiasmo e actuação muito aceitável as várias jornadas do campeonato. E o Sport Lisboa e Elvas está em foco.

— Tem sido mais um bom representante da provincia no campeonato — disse-nos o sr. Joaquim R. Coelho, seu principal animador e director, quando o clube esteve agora em Lisboa, para o seu jogo com o Atlético.

— O nosso clube tem honrado o desporto alentejano. Não tínhamos pretensões de vitória neste campeonato, mas o nosso desejo era contribuir com bom esforço para o valorizar. Como não entrámos na prova por casualidade, satisfaz-nos a certeza de que a nossa presença tem ajudado a engrandecer esta luta digna de uma nação desportiva.

— Fale-nos um pouco do S. L. e Elvas...

— Há 4 anos o futebol em Elvas não existia praticamente. O Elvas com os seus 22 anos e depois o Sporting e os Elvenses, não conseguiram acompanhar o movimento futebolístico de outras regiões.

Um grupo de vontades, porém, veio animar-mos e há 2 anos recomecemos. Fomos felizes. No entanto, as receitas eram ainda um sintoma da pouca animação que necessitávamos. Um jogo que rendesse 400 escudos era bom!

No ano passado, já mais confiantes nas nossas possibilidades, solicitámos à Federação Portuguesa de Futebol o nosso ingresso no campeonato Nacional, atendendo a que a Associação de Futebol de Portalegre, e o Alentejo, poderiam merecer essa honra. Note-se que não se disputava o campeonato regional. A Federação atendeu esse pedido mas somente entraria o vencedor do campeonato regional. Em face desta informação os clubes locais reforçaram os seus «teams», olhos postos na possibilidade. Mas os nossos desejos foram conseguidos. O S. L. Elvas classificava-se campeão regional! Era a oportunidade.

— Deu-lhes vantagens?

— Enormes. O clube subiu. Alcançámos já os 2 mil sócios e por todo o Alentejo o entusiasmo é grande. Por todos os lados se fala de futebol e do Elvas. Mesmo nas outras terras: — Estremoz, Portalegre, Borba, Redondo, etc. Há jogos que dão de receita 40 contos!

— O facto permite projectos futuros?

— Estamos animados dos melhores propositos. Se a figura este ano tem sido razoável, para o ano melhoraremos. Claro que contamos ficar na 1.ª Divisão. Trabalharemos para apresentar um bom *team* e lutamos com dobrada vontade.

— E os espanhóis?

— A inclusão dos três jogadores espanhóis foi o último recurso que tivemos para valorizar o nosso grupo, onde a defesa era muito fraca. Isto porque além de não quereremos fazer uma figura desastrosa não queríamos também ser um elemento que pela sua fragilidade viesse roubar todo o interesse aos jogos em que o Elvas entrasse.

— E Patalino?

— E' a nossa estrela.

Neste momento o jovem avançado-centro que está despertando grande interesse, chegou junto de nós, no *hall* do hotel onde trocávamos estas impressões.

— Como o descobriram?

— Quando recomecemos a nossa actividade, num jogo que disputámos com o Elvense, notámos que o seu avançado-centro tinha *pinta* para o lugar. Fogoso, entusiasmando-se pela luta. Enfim um tipo perfeito de jogador. Não foi preciso muito para que ele viesse para o Elvas.

— Era esse o meu desejo — interrompe Patalino.

— Depois?

— Começámos a *trabalhá-lo*. O jogador «dava tudo». E de então para cá, jogo após jogo Patalino tem-se afirmado uma preciosidade — para nós e cremos que para o futuro do futebol nacional.

Passamos a interrogar Patalino.

— Gosta do futebol, claro?

— Muito. E' a minha preocupação. Ponham-me uma bola à frente dos pés e deixem-me com ela. Estou como eu quero...

— Sabe que o esperam avançado-centro da selecção nacional?

— Quanto a mim desejava bem essa glória. Sonho-a. Não lhe posso explicar o contentamento que tive quando me escolheram para a recente selecção dos novos.

— Depois do Elvas qual o clube que prefere?

— O Benfica.

Concordamos que é natural esta simpatia.

— Mas gosta de estar no Elvas?

— Absolutamente. Sou filho de Elvas e no Elvas me fiz jogador.

— Que opinião tem da sua equipa?

— A melhor possível. O grupo de Elvas é de uma camaradagem a toda a prova. Além disso jogam com grande vontade. Tem a preocupação de fazer uma figura decente.

— Que jogadores aprecia mais?

— Os rapazes do Benfica. O Chico, o Rogério, o Espírito Santo, o Cerqueira, todos. Também gosto de ver jogar Azevedo, Peyroteo, o Araujo.

— Aspirações?

— Todas as que pode ter um jogador que *dizem* que sabe jogar à bola. Por mim hei-de exigir destes meus 22 anos tudo quanto eles quiserem dar ao futebol. Depois, a realização do tal sonho... a selecção nacional.

Deixámos os rapazes elvenses entregues à sua camaradagem e aos seus projectos, com os quais nos parece se pode contar — com os seus projectos e com o seu Patalino.

FERNANDO SÁ



Capela, defendendo com êxito, desvia a bola para canto

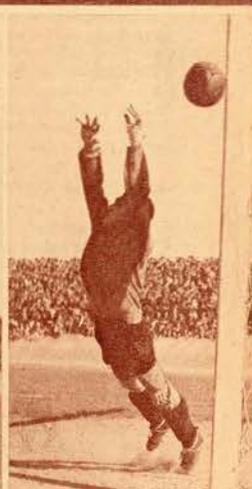
O BELENENSES ganhou em Guimarães



Machado em perigo! A bola, levemente inclinada, ia para fora



Boa vitória do F. C. PORTO



Vasco defende um ataque de Correia Dias

Vasco consente o 3.º «goal» — livre de Camilo

Barrigana defende com segurança



Luta cerrada na defesa portuense. Camilo leva a melhor

A vida desportiva POR ÊSSE MUNDO FORA

RUGBY

A França derrota Gales por 19 pontos a 7

NA presença de 23.000 espectadores, que pagaram um milhão e quinhentos mil francos, o «quinze» nacional francês derrotou o grupo representativo de Gales por 19 pontos a 7, em Bordeaux.

Durante os dez primeiros minutos, os galenses conseguiram um tento de penalidade, marcado por Ward, e um ensaio executado por Foster e transformado pelo primeiro. Depois disso, a velocidade dos franceses anulou as investidas dos visitantes, batendo-os consecutivamente. O pequeno e jovem jogador de Carcassone, Puig-Aubert, marcou uma penalidade e converteu um ensaio marcado por Martin. Em seguida, esquivou um ataque de Jenkins, safou-se de mais três perseguidores e passou a bola a Dejean, que marcou novo ensaio.

Recomeçada a partida, foi de novo Puig Aubert o herói do ataque. Aos quinze minutos atirou directamente às balizas a distância de 40 metros, de modo magistral, e mais adiante realizou um drop-goal, elevando a vantagem para 7 pontos de diferença.

A Escócia derrota Gales

POR 13 pontos a 11, muita dose de sorte e dois óptimos e oportunos pontapés de Geddes, em momentos difíceis e cruciais, a equipa da Escócia conseguiu ganhar aos galenses no campo de Murrayfield.

Os vencidos, pela maneira combativa e científica como jogaram, mereciam a vitória. A dez minutos do apito final ainda dominavam por 3 pontos de vantagem, apesar de apenas jogarem com 14 homens. Um ensaio conseguido de maneira imprevista e logo transformado fez o resultado definitivo. Pode dizer-se que Tanner, embora tenha jogado bem, perdeu duas ocasiões fáceis de marcar a transformação dos ensaios conseguidos pelo seu grupo, e com isso a merecida vitória.

TÊNIS DE MESA

Os campeonatos internacionais ingleses

REALIZARAM-SE em Wembley os campeonatos internacionais de Inglaterra de ténis de mesa.

Nas semi-finais, singulares, homens, o polaco R. Bergmann derrotou o checo J. Andreadis por

NOTA DA SEMANA

NO ano de 1829, duas turmas rivais, uma composta de oito estudantes da Universidade de Oxford, a outra por número igual de alunos de Cambridge, remaram ao desafio, na presença de 20.000 espectadores, indo de Habledon a Henly — milhas duas milhas e meia — suando as estopinhas.

Nasceu assim a famosa e já clássica competição desportiva, tradicional na conservadora e libérrima Inglaterra, com a primeira vitória de Oxford.

As primeiras tripulações puxavam sobre bancos fixos — hoje os assentos, móveis, deslocam-se de 40 centímetros; os pioneiros apoiavam os remos em forquilhas — os remadores actuais usam outriggers; aqueles, manobrando e deslocando uma carga de 440 quilos — estes, fazendo o mesmo apenas a 160.

Nos tempos recuados as tripulações vestiam calças de lona, camisolas às riscas e chapéus de palha. Agora o traje é muito mais singelo e ligeiro.

Cambridge ganhou 49 vezes; Oxford 44. Em 1877 chegaram lado a lado e houve empate.

O trajecto clássico vai de Putney a Mortlake, mas algumas vezes foi alterado por motivos particulares.

Em 1846 surgiram os outriggers; em 1857, os barcos sem quilha e, em 1873, os assentos móveis.

Oxford usou sempre o distintivo de cor azul escura. Cambridge preferiu o tom róseo, mas mudou de parecer em 1836, adoptando a cor azul clara do Colégio de Eton, ficando assim até hoje.

Em 1898 o barco de Cambridge encheu-se de água ao fim de doze remadas. O rio Tamisa, enfurecido, levava vagalhão; Oxford ganhou por mais de quatrocentos metros.

Em 1925, os «azul claro» obtiveram a sua desforra: Oxford afundou-se...

A tiragem à sorte do local da partida tem influência decisiva no resultado. Consoante o estado do tempo, assim convirá sair da margem de Surrey ou da de Middlesex.

Desde 1829 a 1914 e, mais tarde, entre 1920 e 1939, as tripulações de Cambridge treinaram-se, comendo dieta especial. E, para ajudar, bebendo excelente cerveja também.

Agora Oxford voltou a ganhar contra todos os prognósticos, ajudada certamente pelas restrições do racionamento alimentar, impedido de pôr em prática o método de treino favorito dos remadores de Cambridge.

Rafael Barradas

FUTEBOL

EM INGLATERRA

CONTINUOU no sábado, 30 de Março, o campeonato das Ligas Inglesas. Os dois clubes finalistas da Taça, Charlton e Derby, jogaram, empatando o primeiro com Chelsea (zero bolas) e o segundo com o Luton (1 a 1).

O Birmingham ganhou merecidamente em Portsmouth por 4-3, melhorando a posição e as probabilidades de vencer o campeonato da Liga. Tanto o Charlton como

o Derby perderam um ponto, mas pouparam os seus homens com vistas à final de Wembley.

Na Liga Norte, Sheffield United lutou com aspreza para dominar Bury por 2-1, enquanto que Everton conseguiu por 5-2 sobrepor-se ao Huddersfield.

O duelo mais característico travou-se entre dois clubes modestos: o Stockport County e o Doncaster Rovers, da 3.ª Liga.

Após três horas e três quartos de jogo — 203 minutos passados no terreno — empataram por duas bolas, quando a falta de luz e de forças já impedia o prolongamento.

A posição dos «leaders» não variou sensivelmente. No meio da semana, o Charlton bateu-se de novo com Chelsea, ganhando por 1-0, e o Derby conseguiu dominar Luton por 5-4. A pontuação actual dos clubes da Liga Sul é a seguinte:

Birmingham, 49 pontos; Charlton, 48; Aston Villa, 48; Derby, 47.

Na Liga Norte, o Everton segue à cabeça, empatado na pontuação com Sheffield United, ambos com 50 pontos.

CICLISMO

Os Seis Dias de Paris

O famoso Velódromo de Inverno, o Vel'P'tiv dos parisienses, reabriu no dia 20 as suas venerandas portas ao público. Desde a plateia às torrinhas não ficou um lugar vago e milhares de espectadores se acotovelaram para assistir ao começo da primeira corrida de bicicletas, por grupos, que ali se ia realizar.

Pelas 8 horas da noite, o locutor declarou a prova iniciada e desde logo 18 componentes de outras tantas equipas rivais pedalarão animadamente desejosos por vencer esta 23.ª edição da corrida dos Seis Dias.

Esta importante prova internacional, Seis Dias de Paris, terminou com a vitória da parilha de ciclistas holandeses Schulte-Boeyen, que percorreu 3.592 quilómetros, seguida dos franceses Serés-Lapebie, a quem o público animou de modo inverosímil.

Após os primeiros 1.500 quilómetros percorridos, a ordem da classificação era a seguinte:

Brunell-Debruyckère: 11 pontos; Prat-Pellensers: 70 pontos; Schulte-Boyan: 66 pontos.

A média horária registada é nitidamente inferior à da última corrida (1939).

REMO

A regata Oxford-Cambridge

O clássico duelo entre as tripulações das universidades inglesas de Oxford e Cambridge, terminou com a vitória da primeira, presenciada por mais de meio milhão de pessoas, dispostas ao longo do percurso de quatro milhas e um quarto.

Os vencedores, mais leves em média que os remadores vencidos, fizeram o percurso em 19 minutos e 54 segundos, ganhando por três comprimentos.

O recorde, estabelecido em 1911, é de 18 minutos e 29 segundos.

Como sempre sucede, foi o acontecimento máximo do dia 31 de Março, na capital inglesa.

ATLETISMO

Pujazon venceu o «cross» das Seis Nações

O corta-mato internacional das Seis Nações foi ganho pela França e por Pujazon. O percurso, traçado na Escócia, em Ayr, compreendia nove milhas, que o campeão francês correu em 51 minutos, 51 segundos e 1 quinto. A 250 metros, veio em 2.º lugar o belga Van de Wattyne, seguido de três franceses: Messner, Presset e Cousin. O inglês Holden chegou em 6.º.

Por países, a classificação estabeleceu-se do modo seguinte: 1.º França (43 pontos); 2.º Bélgica (77 pontos); 3.º Inglaterra (96 pontos); 4.º Irlanda (113 pontos); 5.º Escócia (178 pontos); 6.º Gales (246 pontos).

O encontro de futebol França-Portugal

Os franceses retribuem aos portugueses a sua visita de 1940

Um artigo inédito de Pierre Lorme

Exclusivo para «Stadium»
Serviço de crónicas EXTINFOR

TODA a gente, em França, se regozija com a ideia de que Lisboa e os futebolistas portugueses se prepararam para receber, a 14 de Abril, os representantes do futebol francês.

E que toda a gente, em França, guardou a melhor recordação do encontro de 28 de Janeiro de 1940. Os antigos, de cabelos grisalhos, recordam-se mesmo dos desafios mais distantes: 1926, em Toulouse; 1927, em Lisboa; 1928, em Paris; 1929, em Colômbes; 1930, no Porto...

Janeiro de 1940... A «drôle de guerre». Há apenas seis anos. É, no entanto, como está longe! Quantos acontecimentos agitarão o mundo, e, particularmente, a França, desde aquela data...

Encontrei na colecção de antes da guerra, do jornal «L'Auto», os artigos relativos ao encontro. Maurice Pefferkorn, um dos melhores críticos de futebol, dizia antes da partida:

«Este encontro, no momento em que toda a França está em guerra, tem o valor de um comento símbolo».

Para traduzir o valor do futebol português, ele acrescentava: «Guardei uma ideia particularmente ex-cita e agradável da participação de Portugal nos Jogos Olímpicos de Amsterdão, em 1928. E recordo-me, também, que a equipa portuguesa, em 1938,

apenas foi batida, por 1-0, pela Suíça, na Taça do Mundo...»

O encontro de 1940 teve lugar no Parque dos Príncipes, diante de uma multidão considerável. A. de Gama Ochôa, Ministro de Portugal em Paris, J. L. Archer, Cônsul Geral, J. da Cruz Filipe, presidente da Federação Portuguesa de Futebol, ocupavam lugares de honra na tribuna.

A equipa portuguesa alinhava: Azevedo, Gaspar Pinto, Simões, os dois Ferreira, Albino, Amaro, Mourão, Gomes, Cruz e o famoso avançado-centro Peyroteo.

A França marcou os três primeiros pontos: dois no primeiro meio-tempo, por Heisserer e Koranyi, e, o terceiro, depois do descanso, por Koranyi.

Depois, Portugal reagiu vigorosamente e Peyroteo, por duas vezes, bateu Hiden. Não havia mais do que um ponto de diferença.

Depois do encontro, Maurice Pefferkorn escrevia:

«O jogo dos nossos visitantes agradou enormemente, porque foi manifesto que a busca da perfeição técnica era a preocupação constante de todos os jogadores».

E Lácien Gamblin, jornalista, antigo capitão da equipa de França, julgava assim a equipa portuguesa:

«Viram-se com prazer as evoluções do extremo Mourão, que tinha a pesada tarefa de substituir Espírito Santo; o trabalho de Pereira, meio-centro, do defesa Simões e, principalmente, do avançado-centro Peyroteo, futebolista de grande classe, que nunca se confessou batido e marcou os dois tentos alcançados pela sua equipa».

Do lado francês, o interior Hilti tinha sido o melhor. O banquete, à noite, foi muito cordial, e, apesar dos acontecimentos, muito alegre.

Já correa, desde então, muita água sob as pontes, mas, a despeito da imensidade das feridas e das misérias sofridas pela França, os desportistas nunca consentiram em abdicar. A juventude, mais de que nunca, é atraída para os estádios. E nada pode ser mais reconfortante para os franceses do que ver as suas equipas retomarem contactos com as das grandes nações desportivas.

Os encontros internacionais são, para os desportistas, um símbolo precioso. O encontro Portugal-França é mais do que uma manifestação desportiva, é uma visita de amizade que uma delegação de jovens franceses retribui à nação portuguesa.

Os «antigos» dão lugar aos «novos»

Que dizer da equipa de França que se deslocará a Lisboa? Primeiro, que Barreaux, seleccionador único da Federação Francesa de Futebol, apenas alguns dias antes do encontro designará todos os seus homens. Mas conheceu-se, no entanto, a vintena de jogadores entre os quais ele deverá escolher.

Raros, certamente, serão os que tenham pertencido à equipa de 1940. Talvez Jordan, no lugar de médio-centro? A não ser que se lhe preliira Braun. Talvez, também, Bourbotte, de Lille, sempre em forma.

Entre os outros antigos de 1940, Hiden renunciou ao desporto activo; Van Dooren joga sempre, mas é, sobretudo, treinador da equipa de Orléans; Mattler, apesar dos seus 36 anos, ainda joga

em Sochaux; não se ouve falar de Diagne; Veinante treina o «Racing Club de Paris»; Courtols, em Sochaux. Koranyi, em Cannes, Heisserer, em Estrasburgo, jogam nos seus clubes.

Haverá, portanto, muitos novos. É preciso dar-lhes lugar. Pode-se pensar que Da Rai, de Lille, guardará as redes e que Barreaux escolherá, para defesas, entre Swiateck, de Bourdeux, Salva, do «Racing» e Frey, de Toulouse.

Para médios, o seleccionador escolherá, para centro, entre Jordan, Braun, de Metz, Lamy, do «Racing», Mindonnet; laterais, entre Samuel, do «Racing», Bourbotte, de Lille, Bastion, de Marselha.

Enfim, para avançados julga-se que Bihel, de Lille, jogará no centro e que o resto da linha compreenderá Vaast, do «Racing», Tempowski, de Lille, o famoso Ben Berek, do «Stade Français», e Aston, do «Red Star».

Crise de desenvolvimento progressivo do futebol francês

Que valerá a equipa de França? Desde a Libertação, o futebol francês obteve resultados muito desiguais. Depois de ter, em 1943, alcançado uma vitória e um empate memorável—em Wembley—sobre a equipa de Inglaterra, depois de ter batido a Bélgica, a equipa de França, durante a época 1945-46, caoua aos seus adeptos grandes decepções; três derrotas: 4-1 contra a Áustria, 2-1 contra a Bélgica, 1-0 contra a Suíça.

Os especialistas do futebol dão, destes reveses, sucedendo a belos resultados, uma explicação que parece plausível:

«O nosso futebol é bom, dizem eles. Mas, em matéria de matches internacionais, sofre de uma crise de desenvolvimento progressivo. Chegámos ao momento em que os nossos jogadores de classe confirmada se tornam demasiado velhos; e os novos de classe ainda não se revelaram suficientemente. Mas, dentro em pouco, nós saberemos exactamente quem escolher...».

Todavia, pouco importa. O que se deseja especialmente, na véspera deste Portugal-França, é que a equipa de França faça bom futebol, em face de uma boa equipa. O desporto não consiste apenas em ganhar. O que importa é jogar de todo o seu coração, lealmente, virilmente, cortêsmente, e de se resignar de boa vontade às decisões do Destino. Nós sabemos que é sob o signo do verdadeiro espírito desportivo que se desenrolará, em Lisboa, o VII encontro Portugal-França.

DR. ALEKHINE

O genial xadrezista que morreu no Estoril



ALEKHINE

O mais famoso jogador de xadrez do mundo, que morreu no Estoril em plena glória

gou-a contra o russo Botwinnik, o homem que se projectava opor a Alekhine, em Londres, ainda neste ano.

Branças: dr. Eawe.
Pretas: dr. Alekhine.
Defesa Nimzowitsch.

1. d4, Cf 6; 2. c4, e6; 3. Cç3, Bb4; 4. e 3. 0-0; 5. Cg-é2, d5; 6. a3, Be7; 7. Pxp, Pxp; 8. Cg3, c5; 9. Pxp, Bxp; 10. b4, d4; 11. Pxp, Pxp; 12. Dç2, Dd5; 13. Tb1, Bd7; 14. Tb3, Ba4; 15. Dç3, Dd8; 16. Bç4, Ca6; 17. Bxa6, Pxe6; 18. O-O, Bxb3; 19. D x b 3, T b 8; 20. D ç 2, Dd5; 21. e4, Db3; 22. De2, Db5; 23. Df3, Dxe3; 24. Cf5, Tb1; 25. Df4; Cxé4; 26. h4, Te8; 27. Te1, Dç3; 28. Td1, Cd2; 29. Txd2, Txc1+; 30. Rh2, Dç7; 31. Ta6, Tç5; 32. g3! Tf8; 33. g4, f6; 34. Rh3, h5; 35. Dd2, Pxp+; 36. Rxb4, Df7; 37. h5, Txf5; 38. Rxf5, Dxb3+; 39. Rf4, Dh4+; 40. Rf3, Dh3+; 41. Re4, Te8; 42. Rd5, Db3+; 43. Rd4+, Dxe3, Eawe abandonou.

Branças: dr. Alekhine. Pretas: Eng. Botwinnik.

Defesa oeste-indiana.
(Torneio da A. V. R. O. - 1938)

1. d4, Cf6; 2. c4, e6; 3. Cf3, b6; 4. g3, Bb7; 5. Bg2, Be7, 6. 0-0-0; 7. Cç3, Ce4; 8. Dç2; 9. Dxe3; 10. Be3, Bf6; 11. Dd2, d6; 12. d5, é5; 13. Cg3, Bxg5, 14. Bxg5, 15. e4, Pxe4; 16. Ta-é1, Cd7; 17. Txe4, Dg6; 18. Th4, 19. f4, Pxf4; 20. Bxf6, Txf6; 21. Tx14, Ta-18; 22. Be4, Tf4; 23. Tx14, De8; 24. Bf5, Be8; 25. Bx6, Dxb3; 26. Txf8+, Dxt; 27. De3, h6; 28. De6+, Df7; 29. Dc8+, Rh7; 30. Rg2, Dg6. Empatada.

Nota: A fotografia foi tirada em 1940, por ocasião da primeira visita de Alekhine a Lisboa.

VAGOU o título máximo do xadrez mundial. Morreu Alexandre Alekhine.

Mas a obra do génio criador do Mestre perderá sempre, através dos preciosos documentos que ele nos legou—as indímeras reproduções dos seus jogos magistrais.

Eis aqui duas partidas de Alekhine: a primeira foi a que lhe proporcionou a reconquista do título, em lata com o holandês Max Eawe, no «match-revanche» para o Campeonato do Mundo, em 1936. A segunda partida jo-

Todo no ar, o guarda-redes Olhanense impede com valentia uma entrada de Mário Rui



O Olhanense não interrompeu a carreira triunfal do BENFICA

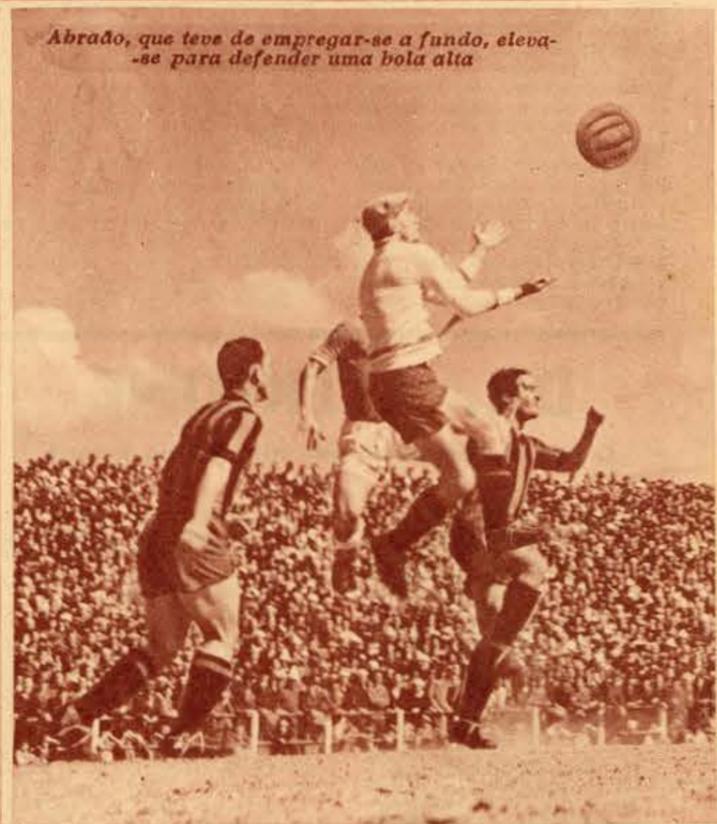


Mário Rui despede um remate — que não chegará para bater Abraão

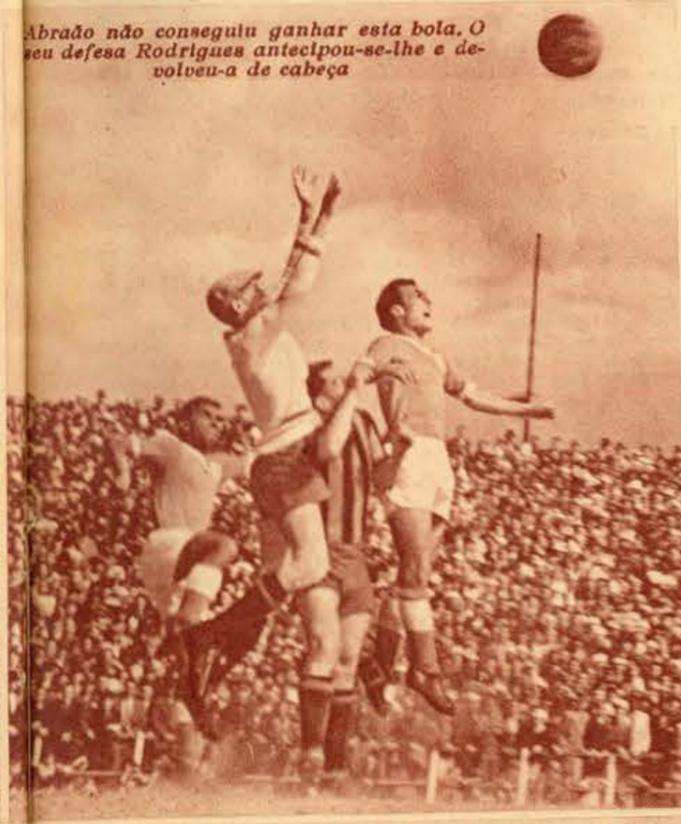
João Santos foi um magnífico jogador algarvio. Que o diga o lado esquerdo do Benfica



Abraão, que teve de empregar-se a fundo, eleva-se para defender uma bola alta



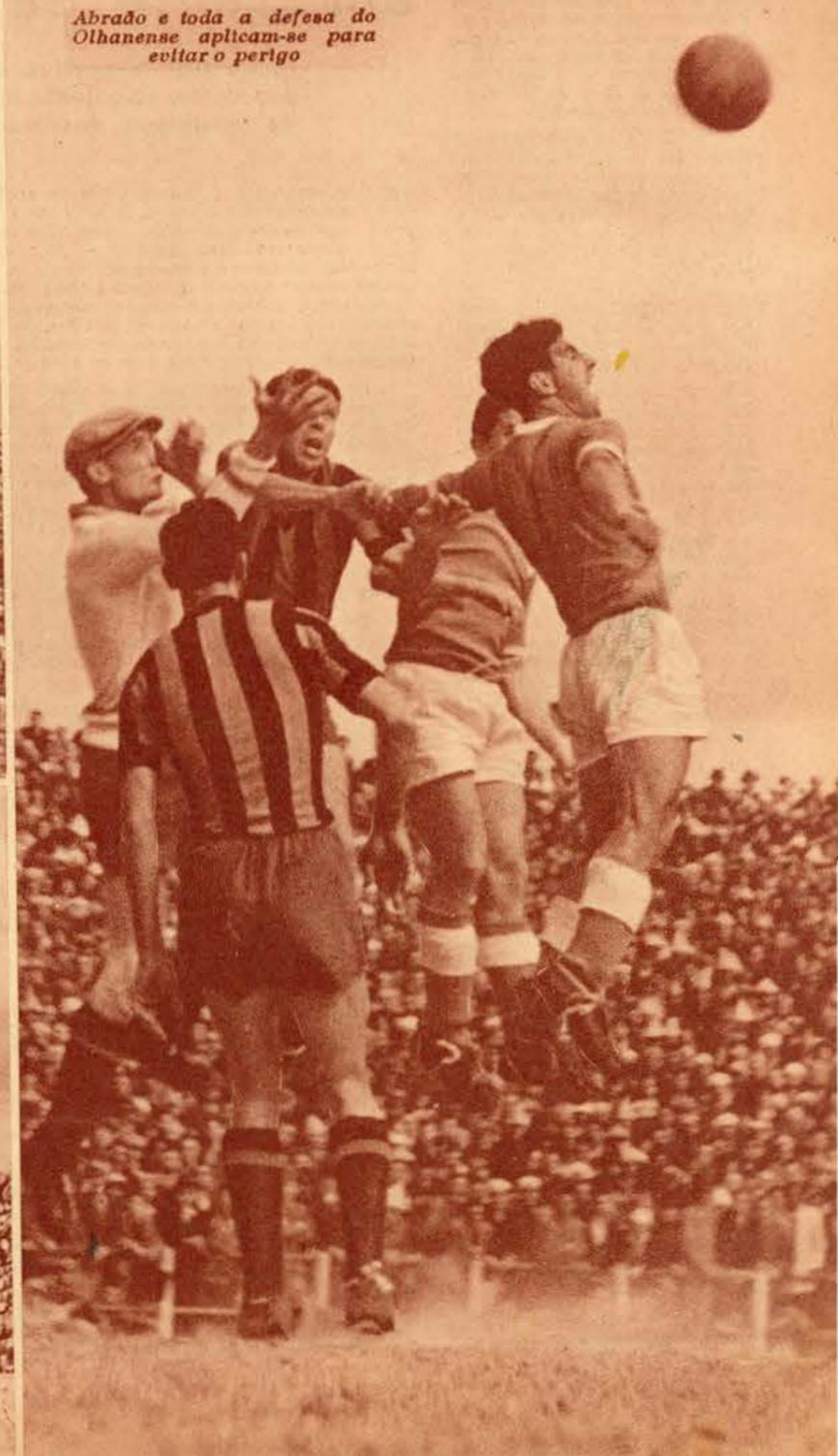
Abraão não conseguiu ganhar esta bola. O seu defesa Rodrigues antecipou-se-lhe e devolveu-a de cabeça



Ataque cerrado do Benfica às redes olhanenses. Espírito Santo, e Francisco Ferreira estão em luta



Abraão e toda a defesa do Olhanense aplicam-se para evitar o perigo



Há resposta para tudo...

P. 341 — Quais os jogadores melhores, hoje e em todos os tempos, do que José Manuel Soares, o imortal Pepe (de Belem)? A pergunta não se refere só ao lugar de interior esquerdo, mas sim a todos os postos da linha avançada. (De J. Dias da Silva, de Folgosa da Madalena).

R. 341 — Tal resposta não pode dar-se em meia dúzia de linhas. Por outro lado, não temos tempo nem espaço para desenvolver o assunto. Só lhe diremos que o saudoso Pepe morreu quando começava a ser um jogador completo!

P. 342 — Qual destes jogadores tem mais engodo pelas belizas: Peyroteo ou Espírito Santo? (De Um leão de Lauriceira).

R. 342 — Fernando Peyroteo é um jogador extraordinário em frente das redes; Espírito Santo tem um domínio de bola completo. Peyroteo marca mais bolas, e gosta de marcar...

P. 343 — Qual é, tecnicamente, o melhor avançado-centro: Vitor Silva ou Fernando Peyroteo? (De Amador da Silva, Alto Alentejo).

R. 343 — A questão já tem sido debatida, e a natureza desta Secção não comporta o desenvolvimento do assunto. Mesmo, faltamos tempo. São dois jogadores de tipo diferente, cada qual grande. Há opiniões de um e de outro lado.

P. 344 — A propósito de uma discussão com um amigo meu, venho fazer as três seguintes perguntas:

Qual o melhor defesa esquerdo: Manuel Marques ou Guilhar?

P. 345 — Qual o melhor interior: Araújo ou Salvador?

P. 346 — Qual o melhor avançado-centro a seguir a Peyroteo: Espírito Santo ou Cabrita? (De Um Amador de Futebol, do Colégio Militar).

R. 344 — Agradecemos a escolha para juiz do pleito, na certeza antecipada de que a nossa opinião não será respeitada, nem por si nem pelo seu amigo. Os dois defesas são de valor sensivelmente igual, mas Manuel Marques deve ser preferido.

R. 345 — Jogam em lugares diferentes. Cada um precisava um pouco das qualidades do outro. Valores à mesma bitola.

R. 346 — Neste momento de forma, Espírito Santo desempenha melhor o lugar.

P. 347 — Venho pedir V. a fiabilidade de responder a três pergun-

Vamos entrar em acção...

O futebol português em frente da França

numa luta desportiva que será, por certo, excelente afirmação de vitalidade dos dois países

A selecção portuguesa vai entrar em acção, pela primeira vez, esta época, contra a França. Seguindo-se a Espanha e a Irlanda, cujo jogo se encontra marcado para o fim da temporada. Como se encontrará o futebol francês? — Pouco sabemos a tal respeito. Os campeonatos decorrem com regularidade, e os últimos encontros internacionais indicam melhoria de classe e categoria. Ao que parece, o futebol francês conserva intactas as suas qualidades de rapidez, força e jogabilidade, adquirindo maior disciplina de movimentos. Os franceses não conseguiram ainda vencer-nos, no nosso país, sendo perfeitamente natural que se apresentem nesta altura decididos a darem o máximo rendimento.

Alguns dos nomes apontados como componentes da embaixada francesa já são nossos conhecidos. Outros não. Deslocam-se a Portugal, de avião, os seguintes jogadores. **Guarda-redes:** Da Rui e Domingó. **Defesas:** Swintek, Solva, Grillon e Marche. **Médios:** Samuel, Dahan, Jouquet, Blondel e Prouff. **Avançados:** Behel, Heisserer, Korannye, Aston, Arnendeau, Vaast, Ben Bareck, Flamion, Sikle e Scolorye.

Acompanham o *team* o presidente da Federação, o respeitado sr. Rimel, o secretário Delenney, o seleccionador, e o árbitro Tibaldi, da lista internacional.

Quando escrevemos, o seleccionador nacional ainda não tornou público o alinhamento definitivo. Há o seguinte lote de jogadores.

Guarda-redes: Azevedo e Capela. **Defesas:** Cardoso, Feliciano e Manuel Marques; **Médios:** Amaro, Moreira, Francisco Ferreira e Serafim. **Avançados:** Espírito Santo, Araújo, Peyroteo, Salvador, Queresma, Rogério e Refael.

O grupo tem treinado activamente e com o melhor método possível, nas condições que se apresentavam. Treinos individuais e de conjunto, o último dos quais contra o Benfica. Ginástica e regime alimentar. O *team* do importante clube lisboeta desempenhou exemplarmente o seu papel de treinador. Por acaso, vimos o treino. A ausência de Rogério, nesse momento alçado de gripe, diminuiu um pouco o potencial do ataque. Mas desenharam-se bons esquemas, e todos os elementos, principalmente os de defesa, revelaram o sentido de colocação, que vem sendo a pedra fundamental do futebol português.

Os seleccionados encontram-se desde o começo do mês na Venda do Pinheiro, um local magnífico para o efeito. As companhias Reunidas de Gás e Electricidade cederam as suas instalações da Colónia de Férias, e contratado o cozinheiro, tudo se passa nos domínios da Colónia, que tem uma quinta com um pedaço de relva, que parece ali ter sido posto pela natureza como oferta ao futebol.

O desafio despertou o maior entusiasmo em todo o país, esgotando-se a lotação em pouco tempo, pois o número de pedidos de bilhetes excedeu a capacidade do Estádio. Arbitraré a partida o juiz de campo inglês Georges Reader.

tas, por motivo de uma teima que tive com um amigo. Qual é o melhor: Martins ou Capela?

P. 348 — Espírito Santo ou Andrade?

P. 349 — Carvalho (União) ou Mário Reis (Académica)? (De Joaquim de Oliveira Fontes, de Coimbra).

R. 347 — Entre Martins e Capela não há grande diferença.

Votamos, todavia, em Capela — mesmo porque tem na sua frente uma vida de jogador...

R. 348 — Andrade é um valor que deslota. Por enquanto, está longe de ter atingido a classe de um Espírito Santo. Mas tem grandes qualidades.

R. 349 — Carvalho é melhor jogador. Acrescentaremos: o defesa do União tem, mesmo, categoria.

Em Colombes, no passado domingo, o *team* de França bateu o da Checo-Eslonáquia por 3 a 0. As bolas foram marcadas por Ben Bareck, a pérola negra, Waest e Heysserer, respectivamente interior-esquerdo, extremo-esquerdo e interior-direito.

Depois do famoso jogo realizado pela França em Wembley, o grupo francês volta a brilhar — mostrando-se em forma apurada em todos os capítulos de futebol.

Ainda bem. Temos a certeza, deste modo, de disputar-se no próximo domingo um encontro com todos os atractivos. Vibrar-se-á.

Vem arbitrar o Portugal-França, como já se disse, um árbitro inglês: Georges Reader.

É um juiz de campo de alta envergadura, e dos mais considerados no seu país. Veremos a influência que terá no jogo português uma arbitragem inglesa.

Realiza-se hoje, à tarde, no Estádio Nacional, a última sessão de conjunto do grupo nacional, à porta fechada, servindo de *team* treinador o onze da C. U. F., de Lisboa.

Há quem não goste da decisão de não permitir que o público assista ao treino, mas trata-se de uma necessidade vinculada. O trabalho de todos, desde o do seleccionador aos dos jogadores, deverá rodear-se de tranquilidade. Só assim será profícuo.

Chegou a falar-se em passar em branco o último domingo quanto a futebol oficial. A questão, no entanto, nunca foi posta a quem de direito.

De resto, pergunta-se: — Parar o campeonato, para quê? Para evitar as lesões?

Mas os jogadores também se podem magoar nos treinos, e, por outro lado, a natureza das competições oficiais não se compadece com frequentes interrupções.

Isto não significa que a distensão muscular sofrida por Espírito Santo, no desafio contra o Olhanense, não possa resultar em uma séria contrariedade para a constituição do grupo nacional.

As instalações acanhadas dos grandes clubes representam um problema que se liga com outros aspectos do futebol e especialmente no que se refere ao número de associados.

Por isso, o Benfica tomou a resolução de não admitir mais associados, ficando nos 15:000, até se darem vagas.

O Benfica, para satisfazer as naturais exigências da sua massa associativa, está a comprar bilhetes para os sócios, como fez no passado domingo, adquirindo um sector inteiro da bancada lateral.

Portanto, se alguém desejar entrar para a família benfiquense — vá para a bicha, pacienteamente...

Separata: Emblemas Desportivos

Stadium

DUAS EQUIPAS PORTUGUESAS

O presidente Júlio Rimet

PELAS informações fornecidas pela Federação Francesa de Futebol, sabe-se que chegará a Lisboa, no avião que transporta a equipa nacional que vai defrontar no domingo o grupo português, o presidente da Federação

presidente do organismo máximo do futebol, mas, no ano passado, quando passaram por Paris a caminho da Suíça, os dirigentes portugueses visitaram-no e encontraram idêntico acolhimento hospitaleiro, a mesma franqueza e o mesmo espírito de camaradagem. O tempo passara, mas os sentimentos haviam permanecido fiéis.

É este o homem que será, dentro de breves dias, pela segunda vez, hóspede do futebol português; hóspede de honra, a quem todas as homenagens são merecidas.

Julgando interpretar o sentido de todos os desportistas portugueses, de aqui lhe apresentamos os nossos votos de boas vindas e de feliz estadia.

O Congresso plenário das Federações espanholas

REFERIMOS-NOS nos comentários da semana passada a este congresso plenário das federações espanholas e da Delegação Nacional de Desportos, apontando-lhe o interesse como exemplo a ser ponderado para possível aplicação ao meio português.

Os relatos da imprensa espanhola deixam claramente transparecer a importância de que se revestiu essa reunião, onde se apresentaram todos os problemas podendo importar ao desporto espanhol e cujas conclusões, a transmitir ao Governo, definem bases de orientação que com satisfação vemos irem ao encontro de realizações que em Portugal estão de há muito satisfeitas.

No dia da abertura do congresso, o chefe do departamento das federações, Guilherme Hildebrand, figura muito conhecida e estimada nos meios desportivos portugueses, apresentou o projecto da Delegação Nacional para construção em Madrid da Casa dos Desportos, em cujo edifício se reunirão todas as federações nacionais e se instalará também o organismo dirigente superior. Nas caves do edifício construir-se-á uma piscina destinada ao pessoal prestando serviço nos vários organismos e nos outros andares encontrar-se-iam as salas destinadas a conferências, ginásio, balneários, cantina, etc.

Segundo declarou Hildebrand, a verba total presentemente atribuída às 36 federações reconhecidas para pagar as respectivas rendas de aluguer de sede atinge 80.000 pesetas anuais, que, na taxa de 4%, corresponde ao juro de um capital de dois milhões de pesetas, suficiente para a construção do edifício.

Entre as diversas conclusões aprovadas pelo Congresso e que vão ser presentes ao Caudilho, figuram as seguintes: reconhecimento da utilidade pública das práticas desportivas e suas organizações; solicitar a supressão das contribuições que agravam o

ESTÃO por completo removidas as dificuldades que surgiram para a ida da equipa de Portugal de hóquei em patins à Suíça.

O convite recebido pela Federação — reflexo de negociações bem conduzidas e de um intercâmbio internacional altamente significativo — foi aceite em princípio; mas, garantiram-nos, as condições não eram totalmente favoráveis à deslocação por incomportáveis com as despesas principais previstas.

E que sucedeu então? A Federação, aproveitando com inteligência da excelente campanha de propaganda feita pelo hóquei nacional, a quando da visita dos solços de Montreux, promoveu diligências junto das entidades oficiais que superintendem nos desportos, principalmente nos afectos à modalidade.

Essas entidades, reconhecendo in loco que o hóquei português tem — como salientemente o demonstrou — categoria internacional para bem representar, lá fora, o desporto do nosso país, decidiram-se pelo auxílio monetário pedido.

Ainda bem que tal se verifica. E os bons officios dos dirigentes do hóquei português (embora com prejuizo de adiamento do princípio da época) não podem regatear-se elogios. Que os merecem, com aplauso unânime. Honra lhes seja, pois, englobando-se no agradecimento público, também, e especialmente, as entidades superiores do desporto.

Como índice do aplanamento das dificuldades (somente em

desporto ou, quando assim não possa ser, que essas contribuições revertam a favor do desporto, sendo recolhidas e administradas pela Delegação Nacional; solicitar a concessão à Delegação Nacional de uma subvenção importante destinada a construir instalações desportivas e a empréstimo às colectividades para melhoramentos ou ampliação dos seus terrenos; isenção de direitos e impostos para o material desportivo; construção em Madrid de um estádio nacional; criação do Instituto Nacional de Educação Física; promover as medidas necessárias de previsão social para estabelecimento da assistência e indemnização aos acidentados em práticas desportivas; proceder a diligências junto das companhias de Caminhos de Ferro para concessão de tarifas especiais reduzidas aos agrupamentos de desportistas.

Pela leitura deste resumo se verifica que, afinal, as aspirações dos organismos desportivos são, por toda a parte, aproximadamente as mesmas e que temos já realizadas algumas iniciais que numa nação de maiores recursos ainda não passaram de aspirações.

questões de dinheiro) e da melhoria de negociações, verificou-se uma intensidade maior na preparação da equipa.

Mas o hóquei nacional não estará somente representado, em Montreux, — por Cipriano, Lopes, Sidónio, Oliveira, Correia, Santos, Pedrosa e Rajo, os dois ditos sapientes — pois outra equipa (B), constituída por Pedrosa, Bernardino, Gomes, Santos, Sousa, Velez, electivos, e Emlido e Henriques, sapientes, irá também a Barcelona, nos próximos meses de Maio e Junho, disputar quatro desafios com os melhores agrupamentos espanhóis. A selecção principal é sensivelmente superior à secundária; mas esta também não deve fazer má figura.

As duas equipas serão acompanhadas por José Prazeres, seleccionador nacional, capitão Santos Romão, presidente da F. P. Patinagem, dr. Ayala Boto, representante da D. G. D., e Américo Romberg, árbitro internacional. Alguns entusiastas da modalidade devem seguir também com os seleccionados.

Em virtude de isso tudo, o campeonato de Lisboa, cujo começo se anunciara para 24 de Março pretérito, foi adiado até meados de Maio próximo. E, entretanto, por que se não organiza um torneio de clubes? Dar-se-ia satisfação a desejos naturais do público, ávido do «seu» desporto, e punham-se em actividade os jogadores que por cá ficavam. Querem aproveitar o alvitre? Não nos parece desacertado.

Conforme anunciámos no penúltimo número, a Federação e a Associação de Lisboa, conjuntamente, promoveram uma festa interessante, simpática e significativa: a distribuição dos prémios de quatro épocas, de 1942 a 1945.

Efectuou-se no Ateneu Comercial, com laçamento, através de uma reunião solene a que presidia o inspector dos desportos, dr. Ayala Boto. E, no seu decórner, distribuíram-se 46 taças: 16 para o Benfica (de hóquei e de patinagem); 9 para o Futebol Benfica; 6 para o Paço de Arcos; 3 para o Ateneu Comercial; 2 para o Dramático de Cascais e Desportivo dos Tabacos; uma para o Lisgás, Sporting de Oeiras e Campo de Ourique. E algumas dezenas de medalhas.

Quer dizer: quase todos os clubes foram contemplados...

Aléo Júnior

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Custo por número...	2\$00
3 meses, Esc.	26\$00
6 » » »	52\$00
12 » » »	104\$00



JULIO RIMET

Internacional de Futebol, sr. Júlio Rimet, que desempenha as mesmas funções no organismo dirigente do seu país.

Porque se trata de uma figura do maior realce no mundo internacional do futebol, esta visita não pode passar despercebida; mais ainda: porque se trata da vinda de alguém que, no desempenho das suas importantes funções, sempre se mostrou um amigo dos interesses e dos desejos portugueses, a chegada de Júlio Rimet deve ser acolhida com satisfação e aprovada pelos dirigentes nacionais para fazerem valer as suas aspirações mais caras, como essa da celebração em Lisboa do Congresso da F. I. F. A.

Fez em Fevereiro passado dezasseis anos que o presidente Rimet esteve em Portugal, acompanhando também o grupo representativo do seu país; estávamos então na época áurea das nossas relações internacionais no futebol, um período que agora ressurge com idêntica actividade e devemos cultivar com atenção, para assegurar ao nosso desporto da «bola» um campo de acção verdadeiramente europeu e que nos liberte para sempre dos riscos de um contacto restrito e sujeito a caprichos ocasionais.

O prestígio e a simpática influência persuasiva de Júlio Rimet, no ambiente babelesco dos Congressos da Federação Internacional, estiveram invariavelmente ao lado das pretensões dos delegados de Portugal, que se habituaram a contá-lo como o melhor dos amigos. Depois, a loucura apôsrou-se do Mundo e passaram anos sobre anos sem que nos chegassem notícias do

O Atlético aproveitou sempre o melhor possível as oportunidades de marcar. Eis uma demonstração



○ ATLÉTICO venceu o ELVAS

Uma boa cabeça de Oscar



Semedo procura desfazer um ataque de Gregório e Armindo. Na rede — um defesa vigilante...



Nem com a mão! Azevedo, por terra, não será batido, assim parece dizer Manuel Marques...



Bom triunfo do **SPORTING** em Setúbal



Uma boa defesa de Acácio, aos pés de Peyroteo

Acácio está fora de combate, mas Pacheco perderá a ocasião

EDUARDO Lopes vencedor dos 176 Klms.



Eduardo Lopes, do G. D. da «Iluminantes», brilhante vencedor dos 176 quilómetros



João Lourenço, perdido dos 1.º e 2.º pelotões, por via de um «furo», persegue valorosamente os homens da vanguarda



Djalali e Jorge Pereira tentam desembarratar-se do segundo pelotão...

Os amadores-seniores na primeira prova do campeonato regional



João Rebelo, metido entre homens da «Iluminantes», no segundo pelotão, comanda-o na ansia de encontrar Eduardo Lopes — o fugitivo!



Eduardo Lopes caminha vertiginosamente para a meta. A vitória pertencer-lhe-á!



CONTRARIANDO tudo quanto a lógica pudesse indicar, Eduardo Lopes, que é «sprinter» cem por cento e como tal deve preferir as chegadas em pelotão em vez das fugas longe da meta, resolveu no domingo atacar de maneira enfiada a pouco mais de meio da prova, isolando-se de seguida, para vir a ganhar, de maneira brilhante, com um avanço de quase três minutos, os «176 quilómetros» do campeonato distrital de fundo.

É uma proeza pouco vulgar nos homens que possuem rápida embalagem final. Por isso há que pôr em relevo o comportamento do atleta da «Iluminantes», que conseguiu, mércê da sua tentativa, sem dúvida atrojada mas feliz, repetir o feito de 1945 e trazer para o seu clube mais uma vitória numa prova que parece ter sido tomada «por assinatura» pelos pupilos de Alfredo Luís da Piedade.

Por seu turno, João Rebelo, tal como em 1943 e 1944, sendo segundo na prova de domingo — um segundo com quasi tanto mérito como o vencedor, por que como ele foi brioso, — conquistou merecidamente o título de campeão distrital de fundo — galardão que é sem dúvida o justo prémio para o seu princípio de época regularíssimo, e em que provou ser um dos melhores estradistas da actual geração.

A Eduardo Lopes e a Rebelo se deve, sem dúvida, quasi todo o valor atlético de que se revestiu a corrida.

O «Iluminantes», com a sua fuga, em caminho acidentado, numa feliz demonstração de capacidade física, e a persistência com que lutou, sózinho, durante 80 quilómetros tornou possível qu o «tempo» desta corrida — 5 h. 26 m. 45 s., — fique sendo melhor que a sua própria «marca» de 1945 e a de Rebelo, em 1943. O tempo de agora apenas é superado pelas 5 h. 4 m. 8 s. do malgrado Raposo em 1942 e os 5 h. 12 m. 11 s., do próprio Rebelo em 1944. Quanto ao sportinguista, forçado a ser o único que tinha de dar «caça» a Eduardo Lopes, pois ficou na companhia de Martins, Jorge Pereira, Driss, Djalali, Rocha, todos colegas ao fugitivo que decerto o não iriam perseguir, e de Baltazar Rocha que não queria «sacrificar-se», ele foi sem dúvida o homem de comportamento mais brilhante de todos os vencidos.

Da luta que travou com Lopes — este a fugir e a ganhar avanço segundo por segundo e Rebelo a tentar anular-lhe a vantagem — o sportinguista saiu derrotado mas não diminuído. É esta a mais leal homenagem que lhe prestamos, em contraste com a sua falta de calma quando as coisas lhe não correm de feição.

Teve depois a prova um lote de concorrentes que se igualaram, embora num plano de menor relevo, em relação aos dois primeiros, e isto porque lhes coube a ingrata tarefa de terem de agir na defensiva. São eles os homens que constituiriam com Rebelo o segundo pelotão. Há no entanto que focar o facto de Martins e Jorge Pereira serem os últimos desse pelotão por motivo de queda, já em Carriche.

Também houve elementos a quem a «mala pata» perseguiu e que por isso não puderam dar todo o rendimento de que são capazes. Estão neste caso João Lourenço, Aristides Martins, Manuel Rocha e Julio Mourão. É certo que nenhum desses homens podem atribuir à sua infelicidade o não terem acompanhado Lopes, e isto porque ninguém conseguiu responder ao ataque do «Iluminantes», a não ser Mourão. A pouca sorte desses corredores fê-los sim perder apenas contacto com o grupo de Rebelo. Quanto a Mourão, esse se não tem inutilizada uma roda, quando seguiu na esteira do vencedor, é muito possível que principiasse a sua nova vida — o serviço militar onde ingressou ontem — com um honroso segundo lugar. É o pequeno Rocha, sem a aparatosa queda que sofreu no início a terminar a dez minutos do primeiro classificado.

Manique, Quadros, Tavares de Silva, Jacinto, Pais Cabral, Pinto Ribeiro e Gaspar Pinto, a todos faltou-lhes o «fundo» para competição tão difícil. Cederam cedo.

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

MAS, então, não haverá remédio? Uma reforma profunda na equipa do F. C. do Porto, de alto e baixo, energeticamente, não resolveria o problema?

Tevez sim. Será uma questão de tentar. Pior não é, com certeza...

♦ ESTÃO em preparação vários jogos entre cidades — o de andebol e hóquei em campo. Trabalha-se nesse sentido nos principais centros, e louve-se esta actividade admirável dos dirigentes.

♦ O F. C. DO PORTO, enquanto se pensava o contrário, trabalhou dedicadamente na preparação do seu grupo de andebol. Não estará ainda afinado, completamente treinado, como nos antigos tempos, mas é, por certo, e ainda, um dos conjuntos mais fortes do nosso país.

♦ IMPÉRIO SANTOS, e não lhe consentirem que ingresse no F. C. do Porto, passará a «individual», o que já foi ou deve ser-lhe consentido.

Demonstra-se, por aqui, que o valoroso corredor está de facto incompartibilizado.

♦ PARA GRANDES males, grandes remédios. Ora, pergunta-se — não haverá também remédio para eliminar a greve crême do «team» do F. C. do Porto?

Tempos... tempos...

♦ CONVERSEMOS sobre natação. Já se sabe que faltam piscinas, etc., etc., etc. Todavia, julga-se que nem organização existe, na primeira cidade nortenha. Continuará o F. C. do Porto, como denunciou a época finda, a manter o seu lote de praticantes? O clube não revela força — mas dava mostras de interesse, o que já era alguma coisa.

Oxalá o acompanhem. A natação merece o indiscutível auxílio de todas as colectividades. Vamos a isso?

♦ ALFREDO, que ocupa o lugar de defesa no F. C. P., repaz forte e duro, bom pontapé, jovem ainda — terá sido bem utilizado? Porque não Alfredo no lugar de médio? Se existem dois defesas, não poderia o treinador fazer mais uma experiência?

Há tantos exemplos nesse sentido, que mais um ou menos um pouco perturbaria...

♦ PENSEMOS já no atletismo. O F. C. do Porto anunciou para breve um torneio, para disputa de várias taças e medalhas, e por certo se preparam os principais clubes no sentido de valorizar a competição.

Vê-se o dedo de Arnaldo Borges em tudo isto. Se dessem uma pista ao F. C. do Porto — o que não feria?

E sobre natação senhores portuenses?

A natação portuense precisa de vencer. Definitivamente? Pelo menos de modo que a considerem pelo país além. No Porto praticam-se várias modalidades pobres com certo carinho, e é oportuno referir o excelente balanço do hóquei, do basquete, do andebol, do próprio volei, com público e centenas de praticantes, vida desafogada, prestígio — quanto é preciso para triunfar.

Os desportos náuticos, no entanto, na capital do Norte, seguem muito a distância. Passaram os tempos gloriosos da Escola Náutica, Fluvial, Nun'Alvares, Sport, F. C. do Porto... E passaram os nomes de Alvaro Sequeira, Carlos Caetano, António Branco, Domingos Frias, dr. Canto Moniz...

Vive-se agora de recordações, e por mais que a crítica lembre todos os anos a necessidade imperiosa de reagir — nada se faz nem se procura fazer.

Na época finda, segundo se leu nos jornais, procuraram alguns clubes e a Federação organizar a entidade orientadora da natação portuense. Resultados?

Em Lisboa já abriu a época, nas piscinas de Algés e do Estoril, e embora isso não possa, infelizmente, fazer-se no Porto, por falta de local adaptável ao tempo, nem por isso pareceria inoportuno promover trabalhos necessários ao desenvolvimento da modalidade.

Recorde-se o exemplo de Coimbra: mal aparecem os primeiros sintomas de Verão, tudo está pronto para se montar a praia artificial. E faz-se natação. As melhores equipas de Lisboa deslocam-se para o Mondego, lutando às vezes rijamente contra os nadadores da cidade universitária.

O que indica isto? Que a cidade de Coimbra, com as mesmas dificuldades do Porto, embora não vença, totalmente, consegue pelo menos demonstrar vontade, forte desejo de produzir obra útil.

E aqui está o motivo por que lamentamos o desinteresse dos portuenses. Já sabemos: — a piscina... Nem se fala em coisa tão velha. Para quê? Mas, se nos dão licença, — imitar Coimbra, pelo menos, talvez não fosse difícil...

Vá — um pouco mais de iniciativa!

O regresso do Académico...

O Académico Futebol Clube, o proprietário do Lima, saiu do pesadelo. Regressou à Divisão de Honra da A. F. do Porto, depois da ausência de um ano — ausência que por certo lhe fez passar dificuldades.

Nesta última jornada de competição com o Ramaldense F. C., seu vencedor da época finda, os alvi-negros triunfaram por 1-0 e 4-1, prova de evidente superioridade em relação ao ex-divisionário, e deve agora esperar-se que o exemplo do último ano lhe sirva de estímulo no futuro.

O Académico tem o seu nome ligado às mais importantes manifestações desportivas da capital do Norte e até do país. O ano passado, fálhou-lhe o pé, talvez por pouca sorte, e a muitos pareceu nada provável a sua recuperação. Ela fez-se, porém. Nesta altura, há justificada festa na família académista.

Na próxima época, mais valorizado e cheio de experiência do «mau ano», aparecerá o Académico junto dos seus antigos companheiros do campeonato. A despeito de tudo, as lutas entre o Académico e os melhores grupos portuenses eram sempre rijas, às vezes muito equilibradas. Pelo Académico passaram já elementos de excelente categoria, e o futebol nortenho deve-lhe algumas boas jornadas.

Por tudo isto, o regresso do Académico merece festejar-se. Isto sem menos consideração para o Ramaldense, um clube simpático e modesto, que fez quanto pôde para brilhar. São as coisas da bola. Um grupo ainda sem «fundo» não poderia aspirar muito mais. O Académico esperava «vingar-se» e conseguiu-o, embora um ano depois... Parabéns. O Académico soube esperar, como bom clube desportivo.

UM ÁRBITRO portuense



José Vieira da Costa é por todos considerado um admirável árbitro de futebol. Sem dúvida alguma, dos melhores árbitros portugueses.

Não arbitrou, até hoje, nenhum desafio entre países, como se sabe, mas já representou Portugal em vários encontros internacionais, actuando como juiz de linha. Os portuenses, que são apaixonados pelo jogo de futebol, gostam de uma boa arbitragem, e há a certeza de que, quando Vieira da Costa está no terreno, desempenhando essas funções, não é qualquer dos grupos prejudicado.

Mas Vieira da Costa, caso interessante, não é apenas árbitro de futebol. Dirige também desafios de andebol. Tem feito parte de vários clubes, Associações e Conselhos técnicos. Sempre com extraordinária independência, Vieira da Costa impõe-se aos seus colegas e ao público, que o estima justamente.

Vieira da Costa tem dirigido já alguns jogos fora da sua terra. O público de Lisboa conhece-o, e os clubes como o Sporting, o Benfica ou o Belenenses não o recusam.

A acção do conhecido árbitro portuense tem merecido sempre louvores da crítica e também do público, tanto no Porto como fora dele. Os juizes de campo, quando independentes como Vieira da Costa, são dignos da consideração geral. O futebol é uma coisa séria e devem admitir dentro dele homens que o compreendem.

Pois Vieira da Costa é um desses homens. Sabe do seu ofício e sabe compreender a sua responsabilidade. Honramos indiscutivelmente.

O conhecido árbitro portuense foi ainda agora chamado a arbitrar, em Lisboa, o jogo Benfica-Olhansenense, considerado difícil, dada a categoria das duas equipas. Embora nem toda a crítica tenha sido aníma no elogio — Vieira da Costa cumpriu. Como bom árbitro que é.

O bom e o mau nos Campeonatos Universitários

Os campeonatos universitários de Lisboa, confidencialmente organizados na sexta-feira e sábado passados, tiveram bastante de bom e, também, bastante de mau.

O desporto universitário, praticamente inexistente entre nós, começou sem dúvida a animar-se nos últimos anos pelos esforços das próprias associações académicas, aos quais se seguiu a acção centralizadora e bem orientada da Inspeção criada na Mocidade Portuguesa. A base desta acção —, porém, para que possa resultar eficiente, será a propagação pertinaz, constante, recorrendo a todos os meios possíveis.

Assim se compreende a surpresa que nos causa o silêncio que envolveu estes campeonatos de atletismo, que nem sequer foram anunciados nos jornais do próprio dia, nem tão pouco — pelo que se deduziu da sequência dos factos — anunciados a quem tinha por missão preparar as instalações e o material. Na primeira jornada, não havia número suficiente de elementos oficiais no júri para começo das provas (os que compareceram foram particularmente convidados na véspera ou no próprio dia); o círculo do disco não estava cravado no solo, não existia fita metálica e, para cúmulo do azar, até a pistola única se encravou e as partidas foram dadas a apito! Não sabemos quem seja o responsável pela desorganização verificada; mas esse alguém, encarregado de organizar, faltou em absoluto à missão que lhe competia.

O sucedido é tanto mais lamentável quanto em verdade foram excelentes os resultados, com a revelação de alguns rapazes com prometedora futuro no atletismo: Castelo Lopes, Nuno Barros, Frederico Valido, Nuno Pais, e a confirmação de outros pouco assíduos, como António Cardoso, Pereira Nunes, Aurélio Martins, Gil Paiva ou Vieira da Fonseca.

Dos atletas consagrados que compareceram merecem referência pelos seus resultados: Núncio, vencedor dos 100 m. em 11 s.; Homero Reis, que bateu o recorde universitário do triplo com 13,16 m; Tamegão, campeão dos 200 m. em 23,4 s.; Santos Vieira, que saltou 3,10 m com a vara e Moniz Pereira 6,25 em comprimento.

António Cardoso foi o concorrente mais em evidência, fazendo alarde de excelentes qualidades naturais, que uma rudimentar preparação técnica prejudicou no rendimento; saltou, à vontade, 1,17 m em altura, com estilo primitivo, e atirou o disco, sem rotação no círculo, a 33,16 m.

O concurso de disco fez-nos verificar um facto curioso: dos dez concorrentes, apenas dois, Homero Reis e Crespo de Carvalho executaram o exercício completo, com volta. Os restantes, inclusive os três representantes do I. N. E. F. lan-

çaram, a pé firme, e a única tentativa que o único destes três, Bustorff Ferro, executou com volta, foi a de menor alcance.

Um dos aspectos mais interessantes do torneio foi a abundância de lançadores com aptidões, sabendo-se que é neste sector do atletismo que mais se acentua a nossa pobreza.

No lançamento do peso, prova em que, aparte Fernando Ferreira e Bustorff Ferro, todos os participantes eram novatos, este segundo não foi apurado para a final e o sexto classificado atingiu 9,77 m.; o vencedor, Castelo Lopes, que apenas víramos uma vez em actividade, já há anos, no encontro Mocidade Portuguesa — Jeunesse Française, mostrou excepcionais qualidades e a sua marca de 11,355 m. vai figurar com certeza entre as melhores da época. Tem muito a corrigir no estilo, sobretudo no trabalho das pernas e do tronco, mas é magnífica a chicotada do braço e possui estatura apropriada para lançador.

Não nos permite a falta de espaço que alarguemos estas considerações, como desejaríamos e merecem os atletas universitários, e por isso nos limitamos a realçar a presença dos novos. Depois de Cardoso e Castelo Lopes, o homem a citar é Aurélio Martins, que nunca víramos correr e cuja passada descontraída, fácil e harmoniosa, lembra o Matos Fernandes dos melhores dias; com maior experiência de pista, poderia ter ganho os 800 metros.

Na segunda semana de Abril devem celebrar-se em Lisboa, no Estádio Nacional, os nacionais, a que concorrem também os universitários do Porto e de Coimbra; porque nos não foi ainda comunicado o programa, não podemos informar precisamente os nossos leitores, mas aconselhamos os amadores de atletismo a não faltarem no Estádio do Jamor nos dias anunciados pelos nossos colegas diários. A competição valerá bem o passeio.

A Inspeção do Desporto Universitário da Mocidade Portuguesa tem em curso pela segunda vez os Campeonatos Nacionais de sua organização, reunindo mais de quatro centenas de estudantes das três cidades universitárias em competições de catorze modalidades desportivas.

Não é necessário argumentar, para justificação da enorme importância destas provas, que, de ano para ano, promovem maior expansão das práticas desportivas no meio académico e servem, assim, a propagação geral do desporto dentro dos mais eficazes preceitos: o do exemplo e o da camaradagem.

O programa dos campeonatos começou a desenrolar-se no sábado passado, no Estádio Nacional,

UMA JORNADA DECISIVA

O programa determinado pelo sorteio do campeonato revestia-se no domingo de excepcional interesse: três encontros e todos decisivos para a classificação do torneio.

Pela manhã, o Sporting, ainda com aspirações ao título, e «Os Treze», aspirante ao importante terceiro lugar, defrontaram-se e ofereceram ao público numeroso um dos melhores jogos do torneio; os «dozes» venceram por 11-6, mas para exacto juízo da competição deve acrescentar-se que o guarda-redes Almasquê se exibiu com grande brilhantismo numa tarefa difícil e árdua.

Em Marvila, os locais e o Benfica precisavam ambos da vitória, o Marvilense para garantir a entrada na primeira divisão e os «encarnados» com vistas ao ambicionado posto de acesso ao campeonato nacional; acabaram empatados, e o resultado é a verdadeira interpretação do equilíbrio com que decorreu a luta.

Finalmente, pela tarde, Belenenses e «Cuf» jogavam uma partida essencial; ganhando, os «azues» subiam ao terceiro posto; perdendo, os «cufistas» deixavam-se alcançar pelo Sporting na cabeça da classificação. A pontuação veio a ser também de empate, que satisfiz a uns e outros; o Desportivo «Cuf» fica com o título praticamente assegurado e merece-o bem; o Belenenses alcança as maiores probabilidades de entrar no Nacional, e também com jus-

e só estará concluído na manhã de domingo próximo, escalonado por estas nove jornadas em constante e variado desenrolar de interessantes lutas nos mais diversos desportos.

Os encontros já disputados, em andebol, rugby, esgrima, ténis, voleibol e basquete decorreram na melhor ordem, provando a cuidadosa preparação, assegurada pelos esforços da comissão organizadora.

Embora se não possam fazer por enquanto previsões seguras, deve reconhecer-se que as maiores probabilidades de vitória colectiva final se inclinam para a Universidade de Lisboa, que domina por completo nalgumas modalidades e se mantém, nas restantes, em nível equilibrado.

Coimbra, com o seu grupo de jogadores de futebol, e o Porto, com um forte conjunto de andebolistas e hoquistas, apresentam-se como favoritos nos torneios respectivos, mas as vitórias não serão fáceis, porque os adversários podem causar surpresa, tal como sucedeu no primeiro dia com a equipa coimbricense de andebol.

Ofereceremos nos campeonatos universitários desporto do melhor: pelo valor técnico das competições e pelo espírito dos participantes. Esta é a melhor e principal conclusão.

Salazar Correia

tiça, porque a equipa está dando muito boa conta de si.

O encontro, jogado a grande velocidade, foi de aplaudir; a ter que firmar-se um vencedor, era o Belenenses que merecia esse prémio, pois criou as melhores oportunidades de ponto feito e até uma grande penalidade a dois minutos do fim lhe fálhou por remate de encontro ao poste.

O «Cuf» teve dificuldade em sustar a mobilidade dos adversários e alguns dos seus elementos, nomeadamente Miranda e Pimenta excederam-se em modos de jogar que não ficam bem a homens da sua categoria.

Nos jogos do campeonato de juniores, além das vitórias naturais do Benfica e do Belenenses, registou-se uma outra, de surpresa para muita gente, mas que nos não causa grande espanto, pois já há oito dias aqui escrevemos a boa impressão recebida da exibição dos Marvilenses; batendo agora o Sporting, guindaram-se a posição de favoritismo ou, pelo menos, de vanguarda nos valores em confronto.

Com o primeiro encontro do campeonato universitário, o andebol teve direito de acesso ao Estádio Nacional, em cujo tapete relvado se defrontaram os estudantes de Lisboa e Coimbra. Venceram facilmente os jogadores da capital, por um ponto apenas de diferença, decorrendo o jogo com grande animação e apreciável relevo técnico.

Paa o final, pairou sobre o campo um ambiente de nervosismo, justificado pela incompreensível arbitragem do sr. Graça que conseguiu desagradar a toda a gente, com certeza até a si próprio.

Encerremos esta crónica com um apontamento de louvor.

No jogo de Marvila, logo no começo da segunda parte, a bola, em remate potente do avançado centro marvilense, entrou com a velocidade de um raio na baliza, chocou contra o ferro posterior de sustentação e saiu para o terreno com a mesma rapidez.

O árbitro, mal colocado para ver e surpreso pela fulminante jogada, interpreta o choque da bola como sendo contra o poste e não considera o ponto.

Surgem reclamações; o guarda-redes do Benfica mantém-se em prudente silêncio e a situação afigura-se embaraçosa. Mas o capitão dos «encarnados», Barreiros Gomes, vem junto do árbitro e, como desportista íntegro e exemplar que é, confirma-lhe o ponto.

Bravo! Que bom seria dirigir e fazer desporto se todos fossem como Barreiros Gomes, a quem a A. H. L., num gesto feliz, acaba de honrar pelo seu desportivismo e lealdade!

João de Eça

FLECHA
a melhor bicicleta

O ultimo treino da SELECCÃO



Araújo, dominando entretidamente o esférico

O guarda-rede nacional tem destas colissas... Brinca com a bola!



O estilo clássico de Azevedo — que os adversários olham com admiração



A F. N. A. T. organizou um sarau para distribuição de prémios aos seus ginastas. A esquerda, um grupo de premiados; ao centro, o dr. Felner de Costa, entregando uma medalha; e à direita uma fase da exibição



João Silva, o indiscutível campeão nacional de fundo, ganhou mais um título — a prova de 15 quilómetros disputada no último domingo



Em cima: — Um aspecto da mesa que presidiu à distribuição dos prémios da Federação de Natação. Em baixo: — O nosso distinto camarada Mário de Oliveira, durante a distribuição, na sede do Pedrouços, refere-se ao acto com palavras de aplauso



Stadium

A ILUMINANTE

**MATERIAL ELECTRICO
PARA
TODAS AS APLICACOES**

*Av. Almirante Reis, 6
L. do Intendente, 11 a 17
Lisboa*

*R. Passos Manuel, 209
Porto*

Esc. 2\$00